



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História

# **O FUTEBOL E A QUESTÃO RACIAL NAS CRÔNICAS DE LIMA**

**BARRETO (1907 a 1922)**

**Gustavo Aires de Castro**

Brasília

2018

**Gustavo Aires de Castro**

**O FUTEBOL E A QUESTÃO RACIAL NAS CRÔNICAS DE LIMA**

**BARRETO (1907 a 1922)**

Artigo apresentado ao Departamento de História  
do Instituto de Ciências Humanas da  
Universidade de Brasília como requisito parcial  
para a obtenção do grau de licenciado em História.  
Orientador: Prof. Dr. Anderson Ribeiro Oliva

Brasília

2018

# O FUTEBOL E A QUESTÃO RACIAL NAS CRÔNICAS DE LIMA

BARRETO (1907 a 1922)

Gustavo Aires de Castro<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho centra-se na dialética entre sociedade, literatura e futebol tendo como espaço/tempo a sociedade carioca de 1897 a 1922. O propósito do referido trabalho é analisar a questão racial nos escritos do literato Afonso Henriques de Lima Barreto. Para tanto o texto se divide em quatro partes que tratam, respectivamente: do contexto internacional e nacional das teorias raciais e das suas influências na literatura brasileira; da vida de Lima Barreto enquanto militante; do processo de consolidação do futebol na sociedade carioca; e, por fim, da análise das crônicas do autor a respeito do futebol em relação a questão racial.

*Palavras-chave:* Teorias raciais; Lima Barreto; futebol.

## Introdução

Este artigo explana sobre a manipulação do futebol pelas elites em proveito de definir as relações de poder na sociedade carioca. A noção de que há grupos humanamente superiores a outros é a ideologia central para a efetivação da segregação entre os indivíduos dessa sociedade. A utilização desse esporte como uma ferramenta capaz de marcar a hierarquia social e racial é problematizada sob a visão do literato, Afonso Henrique de Lima Barreto, objetivando a compreensão que o leva a tecer críticas contundentes a este esporte. Com esse intuito o presente artigo se baseia na análise dos escritos do autor referente a questão racial abordada sobre a perspectiva do futebol.

A inserção do futebol na sociedade carioca é descrita como um fenômeno que despertou vários sentidos para este esporte. A mentalidade científica da época se atrelou a ele estabelecendo-o como um mecanismo de diferenciação das elites perante a população suburbana, pobre e negra. Eis que Barreto surge para confrontar tal esporte, pois ele agrava a

---

<sup>1</sup> Graduando de licenciatura em História pela Universidade de Brasília.

distinção entre os indivíduos, o que é inconcebível para o escritor. Nessa perspectiva, os escritos do autor são citados para compreensão da sua aversão ao futebol ou melhor sua aversão ao racismo e ao preconceito social.

Os estudos sobre o futebol antes da década de 1970 eram escassos e pontuais, contudo, após esta data o esporte adquiriu maior visibilidade no cenário acadêmico devido a implantação de núcleos de pesquisas. As Ciências Humanas exploram o futebol por várias abordagens, entre elas a social, na qual relaciona o esporte com a sociedade mantendo uma relação direta entre eles, logo, o campo se torna um reflexo da sociedade (CAMPOS, Flavio e ALFONSI, Daniela, 2014: 9).

O entusiasmo que o referido esporte desperta nas pessoas demonstra o seu potencial de influência e reconhecimento. Entre estas eu sou mais um que concebe a ele um alto grau de sentimentos e emoções. No decorrer dos meus cinco anos na Universidade de Brasília pude observar esse esporte não mais como mero telespectador, mas como um pesquisador que busca compreender por que ele não é apenas um jogo desconexo do seu meio, mais sim um reflexo da sociedade.

Já as teorias raciais serão abordadas com o propósito de contextualizar não apenas seus percursos, desde a sua formulação na Europa até a sua implantação nas instituições científicas brasileiras, mas também para uma maior compreensão da mentalidade que perpassa na sociedade carioca. Utilizadas como um mecanismo para subjugar determinados grupos, as suas ideias demonstram o teor racista que os cientistas, governantes e a elite empregavam para legitimar seus interesses.

Partindo para o contexto letrado, as teorias raciais encontraram na literatura um meio eficaz para a sua divulgação tornando a imprensa jornalística o veículo informativo para atingir seus objetivos. Contrário a essas teorias, Lima Barreto contesta o cânone literário da sua época mantendo uma postura firme em favor da igualdade racial. Afetado por suas atitudes e pelas teorias, sua imagem se torna desprestigiada perante os letrados.

Decidido em denunciar as mazelas sociais e raciais que imperavam na sociedade carioca, Barreto dedica vários escritos com esse fim. Sua atitude combativa é destacada com o intuito de exprimir sua postura militante em defesa da população marginalizada pelos “jogos” de poder estabelecidos pelas autoridades.

## **Teorias raciais na Europa e no Brasil**

No transcurso da segunda metade do século XVIII até o seu final, alguns pensadores, em especial, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), se debruçaram sobre a literatura humanista, que defendia a noção de unidade humana. Além desta visão, a Revolução Francesa (1789) também deixou um legado que corroborou com a noção de Rousseau. Liberdade, Igualdade e Fraternidade foram os lemas que impulsionaram o período revolucionário, tais virtudes se estendiam aos diversos povos europeus, mas não tocava diretamente às sociedades alvo da colonização europeia. A Ilustração disseminou estes lemas em toda a Europa que teve como ideário uma visão unitária da humanidade (entendida como europeia, branca e cristã). Neste momento o espírito revolucionário se expandiu para fora das fronteiras da França alcançando outros países criando um espírito libertário entre as elites eurodescendentes nas Américas. Essa mentalidade, que servia como elemento classificador e hierarquizador das sociedades ficou evidente no início do século XIX, quando alguns teóricos passaram a dedicar seus estudos em prol de determinar diferenças essenciais entre os homens (SCHWARCZ, 1993: 43). Essa ideia é anterior ao século XIX, mais precisamente, ela nasce no século XVI, com o imperialismo português e espanhol, de modo que surgiram discursos subalternizando populações indígenas, povos africanos, mulçumanos e judeus. Debates sobre a inclusão dessas sociedades na ideia de humanidade, como os da Escola de Salamanca, no qual se estabeleceram as posições dos povos em uma escala de humanidade, foram realizados em diversos momentos ao longo desses séculos (DUSSEL apud BERNADINO-COSTA e GROSGOUEL, 2016: 18). Ao longo do século XIX, os discursos que hierarquizavam racialmente os diferentes povos passaram por variadas transformações, formulando teorias extremamente racistas, entre elas o racismo científico.

No intuito de consolidar uma hegemonia entorno da hierarquia racial entraram em cena duas visões: a monogenista e a poligenista - em que ambas legitimam a exclusão racial. A primeira era fiel às escrituras bíblicas acreditando que a humanidade teria partido de um só núcleo original hierarquizando as raças e povos, em função de seus diferentes níveis mentais e morais. Já a segunda acreditava que os tipos de humanos surgiram de diversos centros de origem, que conseqüentemente teria levado a cisões fundamentais na humanidade, o que respaldaria às diferenças raciais observadas, uma vez que nessa visão as espécies humanas tinham heranças e aptidões diversas (SCHWARCZ, 1996: 82). De acordo com Schwarcz, a última visão ou escola obteve maior adesão por conta do crescimento das ciências biológicas que proporcionariam as formulações das leis evolucionistas (1993: 48).

No início do século XIX, o termo raça começa a surgir nos escritos de diversos teóricos,

tendo Georges Cuvier como um dos seus principais disseminadores, conhecido pela defesa da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos (STOCKING apud SCHWARCZ, 1993: 47). Essa visão ampliou-se no meio científico sobrepondo ao ideário iluminista, o qual tendeu a perceber a humanidade como sendo composta por diversos grupos ou povos e não como raças diferentes. Eis que então o discurso racial se tornou o foco principal dos intelectuais, o qual a visão distorcida se direcionava mais para a determinação do grupo biológico do que sobre o arbítrio do indivíduo. Com base nesse pensamento, os grupos biológicos teriam atributos comuns, ou seja, concebendo a todos os indivíduos pertencentes a ele as mesmas características desconsiderando suas singularidades.

Foi a partir de 1859, com a publicação de “A Origem das Espécies”, de Charles Darwin, que se encaminhou ao fim o debate entre os monogenistas e os poligenistas. Este autor defendia o conceito de evolução, estabelecendo um novo paradigma na época. Com a grande influência que seu livro obteve, seus termos acabaram sendo utilizados em outras áreas do conhecimento, deste modo, conceitos ou perspectivas da biologia (darwinismo) passaram a ser aplicados nas várias disciplinas sociais (darwinismo social).

Expressões como: “sobrevivência dos mais aptos”, “adaptação”, “luta pela sobrevivência”, foram rapidamente disseminadas. As máximas estipuladas por Darwin concederam uma nova roupagem de cunho político e cultural formando uma geração social-darwinista (HOFSTADTER apud SCHWARCZ, 1993:55). Portanto, a obra de Darwin recebeu variadas explicações que remetiam para uma análise do comportamento das sociedades humanas. Estes estudos foram utilizados nas mais diversas práticas conservadoras, das quais se destacou o imperialismo europeu, que como uma forma de legitimar o controle e submissão de outros povos (como africanos e asiáticos) recorriam a noção de “seleção natural” ou “superioridade biológica” (HOBBSAWN, 1977 e 1987; NERÉ, 1975; TUCHMAN, 1990 apud SCHWARCZ, 1993:56).

Como o objetivo principal dos poligenistas se pautava em determinar as diferenças entre as espécies humanas, eles se apegaram a noção de “seleção natural” para tentar explicar o que para eles seria a diferença fundamental entre as “raças”, as suas origens, sendo ferrenhos críticos da mestiçagem. A partir de então diversas teorias deterministas foram propostas em prol de pensar no efeito que a mestiçagem causava nas sociedades. Entendia-se, no âmbito científico, que o mestiço se encontrava tocado pela degeneração (social e racial), sendo este o fruto das características mais negativas das raças (SCHWARCZ, 1993:57), logo, o “cruzamento” entre as raças deveria ser evitado.

Por conseguinte, houve o enaltecimento das “raças puras” e o intenso discurso que inferiorizava as sociedades mestiças, chegando até mesmo ao ponto de se propor a eliminação destas “raças”. Entravam em cena os discursos eugênicos – que visavam intervir na reprodução das populações, isto é, conter as relações inter-raciais em prol de formar uma população racialmente pura e branca (ideologia do embranquecimento). O darwinismo social avançava em suas práticas objetivando o equilíbrio genético, “um aprimoramento das populações”, ou a identificação precisa “das características físicas que apresentavam grupos sociais indesejáveis” (GALTON apud SCHWARCZ, 1993: 60). Conforme expõe Schwarcz, a hipótese evolucionista, que afirmava que a humanidade estaria fadada a ser uma espelho da civilização europeia foi absorvida pela noção de degeneração, que via o progresso como sendo estritamente reservado às sociedades “puras” (1993:61).

Hoje em dia há vários meios de informações que mantêm uma postura antirracista em escala global, no entanto, ainda é perceptível uma forte presença do racismo em nosso cotidiano e até mesmo nos centros acadêmicos, de forma velada e/ou escancarada. No âmbito acadêmico os intelectuais antirracistas fazem parte do grupo que utilizam do seu campo de conhecimento para repudiar tais atitudes discriminatórias, assim como há o outro lado, os que perpetuam o racismo em suas áreas de conhecimento. Porém nem sempre os intelectuais pensaram de forma antirracista. “O racismo europeu, no século XIX, foi institucionalizado e esmagadoramente majoritário na opinião das elites cultas e das classes governantes. Naquela época, a situação era diariamente oposta à atual: quase todos os cientistas eram racistas convictos” (SILVEIRA, 1999: 89). Desta maneira, Renato da Silveira defende que o racismo científico do século XIX, se expandiu pelo globo terrestre e se concretizou como sendo um pensamento hegemônico do campo científico. A ciência já se fazia presente nas universidades - desde a metade do século XIX – concedendo mais e mais prestígio aos cientistas. “O que eles dissessem era considerado expressão da verdade [...]” (1999: 93).

O processo de formação de intelectuais brasileiros, que até o século XIX recorriam às universidades europeias, como por exemplo, à própria metrópole colonial – tendo como núcleo a cidade de Coimbra - intensificou-se com a vinda da Coroa Portuguesa, em 1808, que estabeleceu instituições de produção e reprodução de sua cultura e memória. Com o retorno da família real para Lisboa, tendo agora não mais D. João VI, mas D. Pedro I, como imperador, a formação de uma elite intelectual nacional teve como alicerce as ciências liberais: direito e medicina (SCHWARCZ, 1993: 23-25). A partir da década de 1870, esses intelectuais se encontravam nas instituições de saber, estabelecidas nos centros econômicos do país (São

Paulo, Recife, Rio de Janeiro e Salvador), por meio das quais eles buscavam “legitimar ou respaldar cientificamente suas posições” (SCHWARCZ, 1993: 26).

Ao longo da década de 1870, veio à tona a questão referente a construção de uma nova forma de governo – o republicano – a qual traçaria os rumos dos vários grupos desta nação, de modo que definiria pela conservação ou não de uma hierarquia social e racial que estava relacionada diretamente aos interesses da elite rural em subjugar a grande massa de escravos. O caminho para a destruturação do sistema escravocrata se tornava evidente com algumas leis que enfraqueciam o ciclo escravocrata, e com a resistência dos escravizados. A crise do sistema escravocrata, que ficou evidente no primeiro recenseamento populacional do Império, de 1872, fez com que o excedente de escravos diminuísse cada vez mais<sup>2</sup>. Com os princípios liberais aflorando, paradoxalmente, emergia discursos evolucionistas que serviam como modelo para se analisar a sociedade e projetar o futuro. Nesse período, as teorias evolucionistas utilizadas na Europa, adentraram as fronteiras brasileiras para explicar as diferenças internas e o próprio modelo de sociedade (1993: 27-28).

Não somente essas, mas também as teorias higiênicas/sanitárias e eugênicas foram amplamente aplicadas aos habitantes da cidade do Rio de Janeiro, mesmo antes da Proclamação da República, de maneira impositiva. Elas propunham regras, orientações e definiam disciplinas que deveriam ser seguidas, efetivamente, podendo abranger várias áreas de atuação como por exemplo: no âmbito da moradia, alimentação, organização familiar e até mesmo no desenvolvimento do corpo humano. Este último, encontrava-se inerente as atividades físicas, que para os higienistas, acarretaria na formação de indivíduos melhores física e moralmente (PEREIRA, 1998: 38)

Sendo assim, os modelos evolucionistas, social-darwinistas, higiênicos e eugênicos são absorvidos e popularizados com o viés de justificar as práticas racistas de dominação. De acordo com Schwarcz, a monarquia brasileira pretendeu se aproximar dos modelos europeus de conhecimento e civilidade, por isso a autora define esse ato como uma tentativa de se assemelhar com a Europa. Em “moda” cientificista, D. Pedro II pretendeu passar para o mundo uma imagem de um Brasil como sendo uma sociedade científica e moderna (SCHWARCZ, 1993: 30).

---

<sup>2</sup> MARIANI, Daniel; RONCOLATO, Murilo; ALMEIDA, Rodolfo; TONGLET, Ariel. “Censo de 1872: o retrato do Brasil na escravidão” Link para matéria: <https://www.nexojournal.com.br/especial/2017/07/07/Censo-de-1872- o-retrato-do-Brasil-da-escravid%C3%A3o>.



Como podemos notar, o campo científico estava dominado pelos intelectuais racistas que insistiam em pensar os fenômenos sociais a partir do biológico, utilizando as teorias evolucionistas para respaldar as teorias raciais, percebendo as sociedades com um forte marcador de hierarquia e segregação. Essas teorias raciais chegaram aos intelectuais brasileiros na segunda metade do século XIX e, de acordo com Schwarcz, foram recebidas com entusiasmo nos diversos estabelecimentos científicos de ensino e pesquisa do país. (SCHWARCZ, 1993: 13). Elas demonstravam ao fim o seu teor antiliberal, que consolidou obstáculos para a inserção, dos libertos pela lei Áurea, na sociedade ou a extensão da cidadania para os afrodescendentes.

Quando se pensava que a abolição iria abrir um cenário de pleno exercício da liberdade e da igualdade entre os cidadãos, no entanto, a ciência foi um dos discursos que estabeleceu o oposto, tornando a situação desfavorável para os ex-escravizados e negando a cidadania negra. Para os cientistas, como Nina Rodrigues, “os indivíduos não nasciam iguais, e não poderiam prever a igualdade entre, por exemplo, negros e brancos” (SCHWARCZ, 2017: 52). Foram assim estipulados modelos hierárquicos que determinavam a capacidade de cada grupo, em que os brancos se encontravam no topo e os negros na base. Com a Abolição, os negros ganharam a liberdade jurídica, mas não a igualdade biológica, a cidadania e os direitos políticos, sociais e econômicos.

De acordo com a classificação de racismo moderno, formulada por Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, a ideia central, por trás desse pensamento, é de que as “desigualdades entre os seres humanos estão fundadas na diferença biológica, na natureza e na constituição mesma do ser humano” (GUIMARÃES, 2004: 11). Ou seja, o racismo moderno abrange as funções fisiológicas e a essência do indivíduo. Ele vai adiante e afirma que o racismo configurado na cena política brasileira, como doutrina científica, foi uma forma de conter “à igualdade política e formal entre todos os brasileiros e mesmo os africanos escravizados” (2004: 11). Para ele tais atitudes racistas foram uma reação para limitar a liberdade e a igualdade.

Por causa do seu processo de colonização, fruto da violência, inclusive sexual, o Brasil acabou por produzir uma população marcada pela miscigenação. Devido a esse aspecto o país foi considerado pelos naturalistas, desde meados do século XIX, como um “laboratório” de raças mistas e degeneradas. A miscigenação estava associada à degeneração da espécie humana. Lília Schwarcz cita o naturalista suíço, Agassiz, que esteve no Brasil, em 1865 e que concluiu que

(...) qualquer um que duvide dos males da mistura de raças, e inclua por mal-

entendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que a separam, venha para o Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que qualquer outro país do mundo, e que vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental. (AGASSIZ apud SCHWARCZ, 1993: 13).

A miscigenação ganha um teor negativo de acordo com a ciência. Além dos estrangeiros que proferiram argumentos de maneira pejorativa à população brasileira, houve também intelectuais nacionais que compartilharam as teorias da miscigenação. Entre eles esteve o médico maranhense, Nina Rodrigues que mantinha pesquisas sobre as “nações” africanas residentes no Brasil e o estudo acerca da criminalidade. Entre as suas leituras encontrava-se, “O homem delinquente” (1876), de Cesare Lombroso e as conclusões a respeito da “antropologia criminal” – que consideravam o crime inerente a “raça”. Rodrigues pretendia chamar a atenção da sociedade para os males embutidos na miscigenação e o desequilíbrio que esta causaria. Schwarcz destaca esse lado de Rodrigues e acrescenta que a sua ideia era de que a “raça” se constituía um fator preponderante na conduta dos criminosos, ou seja, apenas por ser de uma determinada “raça” já se comprovava, previamente, a propensão criminal. Não era necessária uma comprovação com base em provas factuais, pois a única prova seria o fenótipo (2017: 53).

A “moda” racista científicista estava instalada no país. O principal meio de disseminação dessa tendência foi a literatura. É por meio deste gênero que há a larga divulgação dos modelos científicos deterministas adentrando facilmente no censo comum da população. Nos “romances científicos” foram expostos, em seus enredos, as máximas deterministas exteriorizando estas teorias. Em suma, esta difusão alcançou muitas pessoas e contribui para consolidar este assunto no campo das ideias da sociedade. No entanto, não houve consenso por parte de uma minoria, em especial, por Lima Barreto.

### **Lima Barreto na *Belle Époque*. A influência das teorias raciológicas na literatura**

Na transição do século XIX para o XX, começaram a ser implementados os projetos vinculados às ideias de progresso civilizatório e urbano, e estas ligavam-se inerentemente a ciência, tendo como núcleo a cidade do Rio de Janeiro. O pensamento de que o homem, com a sua inteligência e perspicácia, poderia avançar e evoluir em passos rápidos trouxe otimismo para a elite da época. A designação “*Belle Époque*” para o período remete ao interesse

eurocêntrico e elitista de se criar um ambiente regido pelas belas letras, urbanismo e modos europeus e a expansão das artes. Estas manifestações culturais se direcionavam a uma classe restrita da sociedade, a burguesia branca ascendente. Além da disseminação das artes, o propósito maior era modernizar a capital e consequentemente o país (SEVCENKO apud VIEIRA, 2010: 33). Outras esferas da sociedade também foram impactadas por esses ideais, não como participantes da integração cultural, mas como excluídos, ou seja, a porção que não se enquadrava nos moldes do progresso. Logo, para atingir este objetivo foram aplicadas medidas que marginalizaram grupos considerados como um obstáculo para alcançar a modernidade.

Como já referimos, as teorias raciológicas e racistas estavam ganhando cada vez mais espaço no âmbito intelectual. Junto com a influência eurocêntrica da *Belle Époque* veio o racismo científico que se espalhou entre os pensadores e intelectuais de diversas áreas. Isto tornou-se evidente na escrita dos romancistas naturalistas que articulavam essas teorias nas suas produções. No entanto, um escritor marginalizado em seu tempo – Lima Barreto – se posicionou contrariamente à ideologia racial disseminada naquele momento na nata dos literatos do Rio de Janeiro.

Na definição de Antônio Celso Ferreira, não devemos encarar a literatura como uma mera ficção – destinada a entreter ludicamente o leitor –, mas como uma expressão capaz de transmitir conhecimentos ao ponto de alargar a visão do leitor por meio da transfiguração da realidade. Isto é, retrata a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos que o circundam, demonstrando a literatura com tomada de posição, crítica e ideológica, do escritor perante a realidade (FERREIRA, 2009: 67). Em suma, a literatura se caracteriza por ser uma fonte histórica que deve ser estudada minuciosamente para que se compreenda o contexto implícito nas entrelinhas. De acordo com o próprio Lima Barreto:

A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, e dar-lhes um mais perfeito entendimento entre ellas, é liga-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade (BARRETO, 1918).

A adesão de um texto literário por parte da sociedade depende das instâncias de legitimação, ou seja, para um escritor ser aceito no cânone literário da sua época, ele primeiro será sujeitado aos critérios estéticos “[...] de juízos religiosos, políticos ou até mesmo do jogo da disputa ou solidariedade no interior dos grupos de escritores [...]” (FERREIRA, 2009: 70). Para uma obra ser louvada ou vetada deveria ser submetida por padrões e modelos marcadores de aceitabilidade que não levavam apenas em consideração a obra em si, mas a posição social

e racial do escritor. Lima Barreto como veremos, se deparou com os obstáculos de tais padrões e modelos instituídos pelo cânone literário brasileiro.

A literatura brasileira não escapou do espírito da época e do racismo científico. De acordo com Schwarcz isso se deu porque os romances naturalistas mais se preocupavam em “descrever do que analisar os fatos sociais” (VIEIRA apud SCHWARCZ, 1993: 32). Esses escritores corroboraram com o sistema ideológico vigente. Lima Barreto se indignou com essa passividade e aceitação desses escritores sobre o que ocorria no contexto social. Schwarcz faz referência às colunas sociais que eram denominadas por Barreto de “binoculares”, porque só observavam de longe, e de maneira superficial a realidade em sua volta (SCHWARCZ, 2017: 192).

Essa tendência de acolher tudo o que vinha do estrangeiro sem ao menos criticar seu uso ou sua incompatibilidade caracterizou a capital carioca, dando a ela um aspecto de idiossincrasia, isto é, tendência de se influenciar por agentes externos – em especial o eurocentrismo – e rejeitar o que é seu. Essa atitude se enquadra no conceito de “bovarismo” estabelecido pela teoria de Jules de Gaultier. Ela “girava em torno do poder de ilusão e da capacidade humana de se conceber a partir do que não se é” (GAULTIER apud SCHWARCZ, 2017: 155). Lima Barreto, disparou várias críticas a respeito dessa atitude, inclusive sobre a adesão do pensamento científico europeu pela elite carioca.

Os pais de Lima Barreto, João Henriques e Amália Augusta, eram descendentes de negros escravizados, no entanto, ambos nasceram livres e tutelados por padrinhos que mantinham laços políticos com a monarquia, tendo grande influência em sua época. O fato de terem sido apadrinhados não amenizou a dificuldade de sua inserção na sociedade, isto porque apesar da condição um pouco melhor do que a de outros negros, eles ainda eram marcados pelo estereótipo, pela cor da pele. Com o objetivo de ascenderem socialmente eles apostaram na educação como meio de escapar da fronteira de cor e origem que os definia previamente. Amália diplomou-se professora, dedicando-se à formação de crianças, e também foi diretora de uma instituição para moças. João Henriques ingressou na formação técnica para buscar um emprego especializado e se formou na Tipografia do Imperial Instituto Artístico, exercendo sua carreira como tipógrafo. De acordo com Schwarcz, é inegável o esforço e o mérito pessoal dos pais de Barreto, mas eles conseguiram ascender educacionalmente por conta dos favores e protecionismo dos seus padrinhos. Enquanto Amália era tutelada por Manuel Feliciano Pereira Carvalho, médico e senhor de escravos da casa onde viveu a avó de Barreto, João Henriques foi mantido pela guarda do conservador Afonso Celso de Assis Figueiredo, visconde de Ouro

Preto (SCHWARCZ, 2017: 41).

Os estigmas raciais recaíram sobre Amália e João Henriques. Schwarcz nos informa que Amália sofria de tuberculose – que na visão dos eugenistas seria um sinal hereditário de degeneração associado aos grupos mestiçados. Em busca de consolidar uma sociedade, marcada pela ordem e civilização, que refletiria a *Belle Époque*, o Estado realizou medidas higiênico-sanitaristas de controle de moléstias que caracterizavam os doentes das camadas sociais mais pobres com estigmas raciais. No dia 24 de dezembro de 1887, Amália faleceu vítima de “tubérculos pulmonares”. Com apenas seis anos de idade Barreto se consternou: “Só me lembro dela no caixão quando meu pai, chorando, me carregou para aspergir água benta sobre o cadáver. Durante toda a minha vida fez-me falta [...]. Deixando-me na primeira infância, bem certo se firmou o meu caráter...” (BARRETO apud SCHWARCZ, 2017: 57). Barreto destacou em vários dos seus escritos a figura da mãe. Já João Henriques, após o seu casamento, começou a manifestar surtos psicóticos, considerado mais um sinal de degeneração pelas teorias deterministas raciais. Estes eram dois estigmas fortes, a tuberculose e a loucura, que denunciavam a debilidade da mestiçagem (SCHWARCZ, 2017: 57). Este foi o ambiente em que Barreto nasceu e tivera que lidar com vários preconceitos, por ser mestiço, por ser negro.

Lima Barreto se caracterizou por ser “do contra”, porque ele mantinha um olhar crítico perante as mazelas instaladas na sociedade, buscando denunciar as injustiças, criticando o que estava estabelecido. Sua literatura, como ele mesmo a denomina, era militante. “[...] Não desejamos mais uma literatura contemplativa [...] Não é isso que os nossos dias pedem, mas uma literatura militante para maior glória da nossa espécie na terra e mesmo no Céu” (BARRETO apud SCHWARCZ, 2017: 209). Barreto era diferente de grande parte dos demais literatos, pois estes escreviam apenas de forma descritiva, enquanto ele ia além e traçava a realidade como ninguém, mantendo sempre um olhar atento ao seu contexto. Desta maneira, ele consolidou a sua figura como sendo um contestador afiado e voraz.

Negro e militante, Lima Barreto como um “perturbador” da sua época, não pretendeu agradar a ninguém, sem “papas na língua”, ou melhor, nos dedos, ele por meio da imprensa jornalística, expunha a sua indignação, não se encaixando no padrão do cânone literário, afinal, um “mulato” disparando críticas ao poder incomodou muito aqueles que detinham privilégios por serem brancos. Mantendo essa postura, ele escreveu sobre os discursos raciais nos quais ele próprio estava inserido. Tinha a percepção de que a “sua cor” lhe causara um grande prejuízo social (SCHWARCZ, 2017: 191). Sua vida marcada por discriminação e preconceito racial, que Barreto retrata nas experiências camufladas em seus personagens. Sendo assim, sua literatura

também foi caracterizada pelo sofrimento.

## **Lima Barreto: militante negro**

João Henriques tinha o sonho de que Lima Barreto se tornasse um doutor, pois ele acreditava que esta distinção camuflaria os estigmas e marcadores das populações mestiças, possibilitando que o jovem pudesse ascender socialmente. Para isso, ele não mediu esforços na tentativa de conceder ao filho uma boa instrução, matriculando-o nos colégios de elite. Consciente da dificuldade de um negro adentrar em uma repartição escolar pretendida para os filhos dos mais abastados, João Henriques conseguiu, o que para o período era extremamente difícil, que um negro fosse inserido em um ambiente escolar de alto nível e status. É nessa fase da sua vida que Barreto percebe a existência de dois mundos distintos que coexistiam de forma conflituosa. O jovem então começa a ficar sensível “a diferença de classe e a existência de um racismo dissimulado” marcante na sua fase escolar, prejudicando suas relações interpessoais (SCHWARCZ, 2017: 98). Arnoni Prado sintetiza como foi o período escolar de Lima Barreto:

Inteligente e esforçado, Lima Barreto tinha tudo para ser um excelente aluno, não fosse o preconceito racial que imperava na escola. Isolado, retraído, excluído da companhia dos colegas, seu único consolo eram as longas tardes de leitura na Biblioteca Nacional e as visitas à capelinha do Apostolado Positivista. (PRADO apud VIEIRA, 2010: 63)

Lima Barreto chegou a cursar engenharia na Escola Politécnica<sup>3</sup>, no entanto, interrompeu o curso, em 1903, para prestar cuidados ao seu pai, adoecido. Quem tanto queria vê-lo como doutor, acabou sendo uma das causas da sua desistência do curso.

Vivia eu nesse conflito moral desde os dezenove anos, quando, aos vinte e um, meu pai adoeceu sem remédio, até hoje. Estava livre, mas por que preço, meu Deus! [...] Não seria mais doutor em cousa alguma. [...] Ia me fazer por mim mesmo, em campo muito mais vasto e mais geral!” (BARRETO apud SCHWARCZ, 2017: 142).

Com a doença do seu pai, ele decidiu prestar concurso para amanuense – profissão de reproduzir e copiar textos e documentos -, da Secretaria de Guerra. Aquelas experiências de preconceito e discriminação se mantiveram na memória do escritor, e seriam abordadas em suas obras, principalmente as memórias que envolviam a sua afrodescendência e negritude.

---

<sup>3</sup> A escola teve sua base remontada no ensino militar, desde 1810, sob a responsabilidade do Ministério da Guerra. Somente em 1874, passou a ser ordenada pelo Ministério do Império, com a denominação de Escola Politécnica. No mesmo ano começou a receber estudantes civis para cursar engenharia.

Barreto não se acomodou com a rotina de funcionário público e manteve uma produção literária vasta. Ele se dedicou a escrever contos, romances, crônicas e críticas literárias. Sua produção se pautava pela crítica social, o combate ao racismo, à discriminação contra raças e classes sociais. Em seu *Diário Íntimo*, como demonstra Schwarcz, ele tinha interesse em escrever uma espécie de “Germinal Negro”, em que trataria da vida e do trabalho de escravos numa fazenda. Ele dizia ser influenciado pelo “negrismo”, filosofia que segundo a autora, se centrava no conceito de “cultura popular”, portanto, com foco na formação de estudos e interpretações de afrodescendentes e para afrodescendentes (SCHWARCZ, 2017: 153). Percebemos, assim, o intuito do autor em escrever uma literatura negra. Ele não levou adiante o “Germinal Negro”, mas ainda assim abordou várias questões raciais, como veremos a seguir.

No início do século XX, Barreto se dedicou a abordar o abolicionismo no romance inacabado intitulado, *Marcos Aurélio e seus irmãos (1900-1904)*. Nele, o autor, conta a história de um velho preto, criado de Marcos Aurélio havia quinze anos, que se caracterizava pelo amor e bondade ao seu senhor e seus familiares. O escritor simboliza o afeto e lealdade que os negros libertos mantinham aos seus ex-senhores. Barreto, segundo Schwarcz, transmite a ideia de que o abolicionismo se deu com a luta pacífica, concedendo a este acontecimento um ar de romantismo (2017: 153-154). Ele não era incisivo nos seus primeiros anos como literato, o que mudaria mais adiante. Ele começou a se debruçar mais ainda acerca de tal tema, mudando para uma postura militante, pois ele começava a perceber a carga negativa imposta pela sociedade aos negros.

Outro romance que o escritor também abordou a temática racial foi *Clara dos Anjos (1922)*. Neste escrito, ele buscou demonstrar a imagem da “mulata” que se formulou no período escravocrata e continuou fixada ao pós-abolição. A imagem estereotipada que transmitia uma conotação de incitação ao sexo estava atrelada as mulheres negras que eram tidas como culpadas por despertar o desejo sexual de seus algozes (SCHWARCZ, 2017: 257). Barreto desprezava essa associação das “mulatas” com certos comportamentos sexuais. No romance ele retrata a desilusão que Clara dos Anjos sofre por ser mestiça. Este é mais um estereótipo da época que corrobora os preconceitos da sociedade carioca e que o autor faz questão de expor e combater.

Em 1909 ele já havia lançado o romance, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, com o “claro objetivo de escandalizar” a elite carioca (SCHWARCZ, 2017: 211). Com sua literatura realista ele visou retratar o seu contexto social com temas pouco discutidos, que abordavam as



diferenças sociais expressas em termos de cor, raça, classe e religião. O protagonista do romance, o jovem Isaías, mantinha vivo o sonho de tornar “doutor” até que ele se deparou, ao chegar à cidade, com o preconceito por ser negro. A questão que Barreto traz à tona nesse romance remete ao “preconceito de cor”, demonstrando que Isaías, “apesar de ser inteligente e bem formado sofria com as barreiras e o racismo da sociedade brasileira” (SCHWARCZ, 2017: 214). Assim como o autor, a sua personagem se encontrava limitada a ascender socialmente por conta das barreiras impostas pelo preconceito. Contrário ao que seus pais pensavam sobre a educação como um viés para a diferenciação social e uma forma de inibir o racismo, Barreto se colocava cético a esta crença (SCHWARCZ, 2017: 158). Ele reportava muito bem em sua literatura o cotidiano que permeava o seu cotidiano, dando ênfase a imagem de uma população marginalizada marcada pela discriminação em um ambiente excludente que era a sociedade carioca nos inícios do século XX.

Na biblioteca de Lima Barreto, chamada por ele de “Limana”, existiam livros de várias temáticas. Nas suas estantes havia um vasto acervo de obras de teóricos do determinismo racial. Barreto se preocupava em estudar esses teóricos, porque segundo Schwarcz, estudar a filosofia determinista foi o meio que ele encontrou para melhor combatê-la (2017: 320). Ele se preocupava com a disseminação desses pensamentos que estavam em vigor na sua época. Em seu conto, “A nova Califórnia”, escrito em 1910, ele mais uma vez critica a adesão às vogas estrangeiras e à admiração das suas ideias, que para ele levavam a “desinteligência” coletiva (SCHWARCZ, 2017: 253). Os estigmas de degeneração impostos pela ciência aos negros só aumentavam a segregação dessa população. Barreto resume o pensamento racista dominante naquele momento, e em seu Diário Íntimo escreve: “A capacidade mental dos negros é discutida a priori e a dos brancos a posteriori” (BARRETO apud SCHWARCZ, 2017: 222).

As ideias positivistas em destaque no momento defendiam que o conhecimento científico era o caminho para o progresso da humanidade (SCHWARCZ, 2017: 111). O endeusamento sobre essa filosofia incomodou Barreto, pois ela legitimava o racismo científico. Ele então teceu críticas contundentes a essa forma de pensar.

Ainda estou a contradizer tão malignas e infames opiniões, seja em que terreno for, com obras sentidas e pensadas, que imagino ter forças para realizá-las, não pelo talento, que julgo não ser muito grande em mim, mas pela sinceridade da minha revolta que vem bem do amor e não do ódio, como podem supor. (BARRETO apud VIEIRA, 2010: 53).

Neste trecho, Barreto se coloca na posição de militante da questão racial, já que se dispõe a combater “tão malignas e infames opiniões” que a ciência afirmava serem verdades



inquestionáveis. Segundo ele essas opiniões referiam-se à noção de que “havia umas raças superiores e outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça. Tudo isso se diz em nome da ciência...” (BARRETO apud VIEIRA, 2010: 52). Lima Barreto tentou questionar e até mesmo ironizar essa ciência que desqualificava o mestiço. Ele chegou, inclusive, a zombar das mensurações antropométricas, que procuravam determinar a inteligência e a capacidade intelectual pelo tamanho do cérebro. Schwarcz demonstra que ele confessou ter o formato do cérebro alongado, o que para o saber antropológico indicava traços de degeneração das raças mestiças (SCHWARCZ, 2017: 401).

Na crônica, “Considerações Oportunas”<sup>4</sup>, publicada em 1919, no jornal A.B.C., o escritor, abordou de forma crítica as teorias raciais, dando ênfase para o caso dos Estados Unidos, país no qual as elites brancas do sul empregaram essas teorias para subjugar os negros no pós-abolição com um sistema de opressão conhecido como Jim Crow. Por fim, defende que no Brasil isso também era coisa comum. Seu discurso demonstrava um tom de desabafo e descrédito na ciência. Para ele, a sua época está marcada pela brutalidade e violência devido as aquisições científicas que foram dadas a humanidade na forma de instrumentos de guerra nas mãos daqueles que dominam o mundo, inferindo que a humanidade está a caminho do regresso, da barbárie (BARRETO, 1919: 10-11).

Sua crítica se concentrava no que ele entendia ser uma ausência do rigor científico, já que o “[...] critério de raça não é fixo de um autor para o outro” fazendo com que eles formulem classificações com base em seus interesses. De acordo com Cristina Buarque de Holanda, cada autor, ao tecer elaborações em torno do termo raça, utilizava-se de critérios descritivos próprios, desvinculados dos demais, o que denota uma heterogeneidade entre eles (BARRETO apud HOLANDA, 2005: 83). Em suma, o conceito de raça para ele nem deveria ser relacionado a humanos, pois, seu fim é o de criar hierarquias.

“Esses senhores que edificaram essas theorias de irremediavel desigualdade de raças são tenazes e ferrenhos em remover todas as differenças desta ou daquella natureza que possam separar o homem do macaco; mas, em compensação, são tambem tenazes e ferrenhos em acumular antagonismos entre os brancos e os negros” (BARRETO, apud HOLANDA, 2005).

Lima Barreto foi mal compreendido em seu tempo, porém nas gerações futuras seu nome tornou-se referência da literatura brasileira. O campo de ideias em que ele estava inserido

---

<sup>4</sup> Lima Barreto. “*Considerações Oportunas*”. In: A.B.C: Política, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes (RJ), 16 de agosto de 1919, p. 10-11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/3832> Acesso em: set/2018.

não compactuava com o seu modo de pensar. Ele era o seu próprio personagem transmutado em sua literatura. Para ele não era aceitável saber que apenas por conta da sua cor a sociedade o via como intelectualmente inferior. Suas atitudes demonstraram que o confronto se fazia necessário para combater tais ideias depreciativas. Talvez essa personalidade combativa não tivesse surgido se ele aceitasse os estigmas e marcadores sociais depositados sobre os mestiços e negros. A consciência de sua história, e do passado de seus ancestrais, o ajudou a se auto identificar como negro e a lutar por igualdade.

É interessante pensar o quanto o racismo literário foi marcante naquela época. O caso de Machado de Assis (1839-1908) foi exemplar das estratégias do embranquecimento. Mesmo sendo também um literato negro, que assim como Lima Barreto incluiu em seus inscritos a temática relacionada ao negro, ele obteve reconhecimento em sua própria época. Para que isso fosse possível o cânone literário contemporâneo utilizou como uma estratégia a “ideologia do branqueamento”<sup>5</sup> afim de camuflar sua real cor para que se justificasse sua ascensão social, visto que um negro em destaque na sociedade carioca não era bem concebido pelos letrados.

Quanto mais branco melhor, quanto mais claro superior, eis aí uma máxima difundida, que vê no branco não só uma cor, mas também uma qualidade social: aquele que sabe ler, aquele que é mais educado e que ocupa uma posição social mais elevada (SCHWARCZ apud NACIMENTO, 2016: 78).

Em suma, certificamos que o escritor negro, Lima Barreto, se posicionou firmemente contra as mazelas que a população negra estava inserida. Nesse viés da questão racial ele escreveu várias crônicas direcionadas ao futebol. Ele acompanhou o processo de difusão do esporte na capital, ao longo das duas primeiras décadas do século XX, que despertou sua atenção e a de seus colegas que tiraram conclusões a respeito deste esporte. Nessa perspectiva, abordaremos a questão racial no futebol durante este processo para logo após analisarmos o pensamento de Lima Barreto sobre o futebol e a inclusão do negro neste.

## **A questão racial e social no processo de consolidação do futebol no Rio de Janeiro (1897 – 1921)**

Em meados do século XX, a cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, despertava

---

<sup>5</sup> Ver mais em Oliveira, Idalina Maria Amaral de. “A ideologia do branqueamento na sociedade brasileira”. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1454-6.pdf>>.

certa peculiaridade em comparação as outras cidades. Não por ser o Distrito Federal, mas por concentrar uma enorme diversidade social e racial. Contingentes enormes de ex-escravizados juntamente com os brancos e imigrantes vindos de diversos países se encontravam na sociedade carioca. O cenário não poderia ser tão propício para as análises acadêmicas de múltiplas áreas do conhecimento. Embora várias abordagens possam ser exploradas, o que será observado é o fenômeno esportivo, em especial o futebol, que se configurou como objeto de pesquisa, principalmente das ciências humanas, por causa dos fatores sociais e raciais que ele transpôs da sociedade carioca. Ainda marcada por uma herança do período escravista - que ao seu fim, não amparou a enorme população de ex-escravizados – a sociedade carioca era caracterizada por distinções, principalmente, orquestradas por aqueles que não aceitaram a liberdade concedida aos escravos. Nesse contexto, o processo de consolidação do futebol foi pautado por tensões e conflitos em que a questão racial se tornou um dos assuntos centrais.

A mentalidade de que na Europa se encontrava o polo de civilização e conhecimento, compartilhadas por algumas famílias cariocas abastadas do final do século XIX, fez com que elas continuassem a enviar seus filhos para esse continente objetivando uma formação educacional sólida e renomada. Futuramente seus filhos retornariam para o país de origem trazendo de lá novas práticas civilizatórias e tradições culturais (PEREIRA, 1998: 13).

Nesse contexto, a Inglaterra era um polo de atração na Europa por conta do seu poderio econômico, social, cultural e político, tendo se destacado na *belle époque* juntamente com a França. Sendo guiada por motivações capitalistas e imperialistas o país expandiu seus domínios de forma impositiva a outros continentes e sociedades, como destaca Hilário Franco Júnior.

O imperialismo inglês evidentemente exportava não apenas uma longa série de produtos industriais e serviços, mas também fenômenos sociais e culturais que acompanhavam [...] e cuja a origem inglesa por si só atraía, conferindo-lhes ares de modernidade. Dentre eles o futebol (FRANCO JÚNIOR apud BORGES, 2017: 46).

O esporte anglicano estabeleceu-se no Brasil, importado pelos jovens emigrantes que retornaram para o seu país trazendo consigo esta nova modalidade estimulando sua prática e trazido pelos trabalhadores ingleses que atuavam nas ferrovias do país. Logo, o futebol também pode ser considerado um “produto de exportação britânica” (MURRAY apud BORGES, 2017: 44). Por se tratar de uma expressão da cultura europeia o esporte foi recebido com entusiasmo pelas elites, deixando evidente o apego e a valorização as práticas oriundas do velho continente. Sobre os jovens, dois em especial são destacados pela historiografia quando o assunto é o pioneirismo do esporte no solo brasileiro. São eles: Charles Muller e Oscar Cox. Enquanto o

primeiro retornou da Inglaterra em 1894, para a cidade de São Paulo, o segundo, veio da Suíça para a cidade do Rio de Janeiro, em 1897. Eis que se iniciam as primeiras práticas do “*foot-ball*” no país (PEREIRA, 1998: 11-12).

Na sociedade carioca, nas primeiras duas décadas do século XX, o esporte passou a representar uma prática esportiva das camadas endinheiradas e da elite. Um pequeno grupo de indivíduos, em grande parte filhos de famílias de descendência europeia, almejava definir o esporte como um marcador social e racial, um diferenciador entre eles e o restante da população. Isto é, o futebol se cercava de pessoas que afirmavam o modismo e hábitos europeus definindo-o como uma marca de refinamento (PEREIRA, 1998: 22-23). A partir dessas atitudes surgiria o antagonismo que marcou o futebol carioca.

Em junho de 1902, o jovem Oscar Cox, juntamente com outros entusiastas fundaram o *Fluminense Foot-Ball Club*, fortalecendo a restrição esportiva a pequenos círculos a partir do momento em que impediam a adesão de operários e negros em sua associação. Tendo este clube como referência surgiram novas agremiações, como por exemplo: o *Foot-Ball and Athletic Club*, em 1903, o Botafogo e o América, em 1904. Este universo exclusivo das elites em volta do futebol não durou muito, pois, a proporção que o esporte foi se “incorporando ao cotidiano das vilas operárias sob tutela das fábricas instaladas na periferia das cidades [...] os operários são assimilados pelos times de seus patrões” (HOLANDA, 2005: 77). Esse processo de integração abrangeu de forma gradual os jogadores negros e mestiços que começaram a dar seus primeiros chutes nas ruas do subúrbio para logo após entrar nos campos oficiais.

Com o intuito de conter a popularização do jogo e manter a distinção entre a elite e o povo os *sporstmen*, como eram conhecidos os praticantes e os admiradores ligados as famílias abastadas, formularam estratégias para blindar o acesso de outras camadas sociais ao futebol, como por exemplo, a manutenção da nomenclatura inglesa para o esporte, as regras e suas estratégias – *foot-ball*, *team*, *match*, *scores*, *goalkeeper*, *back*, *fulback*, *foward* e etc.-, que servia também, na visão da elite para perpetuar uma imagem moderna e sofisticada. A importação de produtos esportivos ingleses contribuía para fixar essa ideia (PEREIRA, 1998: 32-33). Essas estratégias eram utilizadas para impedir o entendimento da população leiga no universo futebolístico. No entanto, todas essas tentativas de manter a elitização do futebol falharam.

O curioso, como demonstra Leonardo Affonso de Miranda Pereira, é que os critérios de distinção que englobavam o esporte no Brasil não condiziam com a real origem deste, visto que

na Inglaterra foram os operários que iniciaram a sua prática “atraindo desde fim do século XIX grande contingente de trabalhadores”, ou seja, estava em contradição com o refinamento afirmado pelos esportistas cariocas (1998: 34). Os jovens emigrantes, em sintonia com os ingleses residentes no Brasil, moldaram o esporte com enfeites modernos e civilizatórios de acordo com seus interesses concedendo-se o status de agentes da modernidade em seus círculos de convívio.

Após as primeiras partidas, o futebol foi se consolidando e perdendo o ar de novidade e ganhando reconhecimento na sociedade, principalmente pela imprensa jornalística que começava a destacá-lo em inúmeras colunas. Entrava em cena o cronista para dar ciência a população do mais novo esporte local. “A crônica se tornou o espaço privilegiado para a expressão de posições sobre o esporte. Pode-se afirmar que dentre os vários gêneros literários ela é o que tem uma proximidade mais antiga com o futebol” (BORGES, 2017: 27).

Para a infelicidade dos *sporstmen* a blindagem imposta ao seu mundo futebolístico começara a sofrer penetrações logo nas primeiras décadas do século XX. A criação de clubes afastados do centro, pela iniciativa de uma mocidade dispersa por outros bairros, acabou proporcionando uma maior visibilidade a esta prática esportiva no subúrbio e nas vilas/bairros operários. A cidade do Rio de Janeiro, em 1906, estava repleta de clubes esportivos espalhados por toda parte. Essa descentralização concedeu maior conhecimento do jogo na zona suburbana, o que era tido como um problema que precisava ser sanado, pois o objetivo dos *sporstmen* ainda era perpassar a ideia inicial de um jogo moderno e civilizatório. Contudo, este propósito não se findou como o esperado (PEREIRA, 1998: 53-54).

O esporte aparecia para o público excluído como uma diversão que logo ocupou espaços diversos, como foi o caso ocorrido na Ilha das Cobras, em que “negros, mestiços e pobres em geral iam, em ocasiões como esta, aproximando do esporte, divertindo-se com ele com o apoio entusiasmado dos seus superiores que viam nisso um benefício para o desenvolvimento físico das tropas” (PEREIRA, 1998: 56). Os *sporstmen* não compactuavam com essa inserção, isso fica evidente na fala de um deles, Zé Cosme, que criticou a popularização dada ao esporte após um jogo realizado, em maio de 1906, pelo time do Rio contra o de Niterói.

Aí está o que dão cousas muito rodeadas de reclame; enchem-se de gente os lugares em que elas se verificam e o resultado é haver afobação até não mais...O match Rio-Niterói está nesse caso. Os jogadores impressionados com a multidão que os mirava, deram as suas souries (sic) muito regulares. Até se esbordoarem... (CORREIO DA MANHÃ, maio de 1906, apud PEREIRA, 1998: 56).

Inconformados com tal cenário eles se apegaram às teorias higienistas para respaldar os seus interesses. Estas foram utilizadas como uma ideologia de domínio que pregava os perigos do abuso do futebol às “mocidades menos preparadas”<sup>6</sup>, porque estes careciam de materiais adequados para a prática esportiva, mantinham um organismo carente de funções nutritivas e também por recorrer a locais - terrenos de terra batida - considerados maléficos para a saúde. Logo os pobres eram “diagnosticados” como não aptos ao futebol (PEREIRA, 1998: 57). Era inconcebível para os membros das associações futebolísticas se manterem em igualdade com a grande massa da população carioca. Os esforços para determinar a superioridade daqueles em detrimento desta apresentava-se a cada momento em que houvesse a sutil sensação de isonomia entre todos.

Medidas diversas foram aplicadas com o intuito de definir cada vez mais o perfil dos membros, pois a fidalguia estava ameaçada de perder o seu esporte segregacionista. Entre elas se destacam a seleção do público nas arquibancadas dos estádios por meio do aumento dos preços dos ingressos - impossibilitando o acesso daqueles que detinham baixa renda. Os jogadores em campo também deviam se submeter ao ideal do grupo, isto é, prezar pelo caráter moderno, social, racial e harmônico do esporte, logo, seus integrantes se caracterizavam por ser eurocêntricos, da elite, brancos ou embranquecidos. Como uma forma de ampliar a “bolha” que cercava o futebol foi fundada, no dia 8 de junho de 1905, a Liga Metropolitana de *Foot-Ball* (PEREIRA 1998: 58-60). Ela se encarregou de orientar os rumos que o esporte tomaria no Rio de Janeiro nos anos seguintes, com o claro objetivo de evitar sua difusão fora dos seus critérios. Demonstrando essa intenção, em 1907, ela emitiu um ofício aos clubes associados que dizia o seguinte: “Comunico-vos que a diretoria da Liga, em sessão de hoje, resolveu por unanimidade de votos que não serão registrados como amadores nesta liga as pessoas de cor” (GAZETA DE NOTÍCIAS apud PEREIRA, 1998:63).

O mundo futebolístico refletia em campo e fora dele as conjunturas sociais e raciais que marcavam o contexto da sociedade carioca, pois o esporte não se desvincula do seu meio. A exclusão racial efetivada pela resolução definiu o intuito de “fazer do esporte um monopólio de jovens brancos e endinheirados” (PEREIRA, 1998:64). O Bangu Athletic Club, contrário a posição da liga, se desvinculou dela por manter jogadores negros em seu elenco. Os negros, operários e suburbanos articularam-se em prol de criar novos clubes. Em 1907, em resposta a Liga Metropolitana, estes clubes fundam a Liga Suburbana de *Foot-Ball*, a qual proporcionou

---

<sup>6</sup> Entende-se por mocidade menos preparada, de acordo com o contexto, os jovens pobres sem condições financeira e “fisiológica” para arcarem com a prática esportiva.

a disseminação da prática esportiva em extensa parte da cidade. Embora muitas dessas associações ainda fossem apoiadas por jovens da elite que compactuavam, em parte, com o perfil definido pelos *sporstmen*, as regras de aceitação de seus sócios eram mais flexíveis abrindo assim a outros grupos uma opção de lazer para ampla parte da população, deixando de ser um esporte de poucos para começar a sua popularização entre outras camadas (PEREIRA, 1998: 64-68).

Ainda que a prática esportiva abrangesse a população concentrada nos subúrbios o intuito dos *sporstmen* em manter a Liga Metropolitana com seu status restritivo não cessaram. Nesse cenário, a sociedade, no que tange o futebol, estava dividida em “primeira e segunda divisão”, isto é, a dos círculos de elite e a da grande massa populacional, respectivamente. No entanto, por conta de desentendimentos entre os clubes da liga, o Botafogo se desvinculou da mesma e fundou juntamente com clubes mais modestos, em 1912, uma nova liga. O que estava por vir seria um marco de profunda mudança no cenário futebolístico da capital. Os dirigentes da Liga Metropolitana na tentativa de reinserir o clube dissidente – conseguindo seu objetivo – incorporou juntamente a liga principal os clubes modestos, formados pelos grupos social e racial excluídos por eles até então. Essa movimentação possibilitou a inserção de negros e trabalhadores braçais a jogarem com a elite. Não obstante, essa abertura para incluir a camada popular não se concretizou de forma apaziguada (PEREIRA, 1998: 101-103).

As mudanças que modificaram o perfil dos jogadores foram repudiadas e criticadas incessantemente. Embora a presença de negros e mestiços fosse aceita, ainda despertava incômodo entre os clubes e torcedores a exemplo do caso de Carlos Alberto, que em um jogo pelo Fluminense, em 1914, passou pó de arroz em seu rosto para evitar que acusações como “mulato pernóstico” fossem novamente citadas, como ocorrido nos jogos anteriores (COELHO NETTO apud PEREIRA, 1998: 104). Essa atitude de camuflar sua cor de pele demonstra o viés preconceituoso que pairava sobre os jogadores negros e mestiços.

O *status quo* de modernidade e sofisticação se esfacelava à medida que o futebol ganhava destaque na sociedade. A popularização do esporte na segunda década do século XX, ultrapassou as barreiras segregacionistas aumentando a presença dos trabalhadores, o espaço dos jogadores negros e a mudança do perfil dos torcedores (PEREIRA, 1998: 120-121). O jogo assumia um novo patamar graças a sua popularização se desvinculando das múltiplas restrições impostas no primeiro decênio do século.

A apropriação do futebol pela cultura popular causou desconforto entre aqueles que almejaram resguardar essa prática esportiva somente ao seu grupo, portanto, eles patrocinaram formas de desmoralizar o esporte que era praticado pelos menos favorecidos. A elite detinha



influentes autoridades em seu quadro dispostas a utilizar vários mecanismos que visavam conter as práticas esportivas nos subúrbios. A valorização da cultura letrada se colocou em detrimento da cultura popular, logo, o futebol, praticado no subúrbio, assim como a capoeira e o samba foram relacionados a marginalidade. Percebemos que a tentativa de conter e até mesmo apagar as atividades culturais dessa população moldava-se de acordo com as circunstâncias.

Nesse sentido, os *sportem* recorreram a novas estratégias com o objetivo de unificar o futebol nacional já que a Liga Metropolitana não findou este objetivo no âmbito regional. Por conseguinte, em 1916, surgiu a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) comandada, em sua maioria, pelos agentes da modernidade. A nova entidade se encarregaria de representar o país nas variadas modalidades esportivas, entre elas o futebol, que devido sua difusão se tornou um meio de visibilidade internacional da nação brasileira. A princípio, despreocupada com os resultados dos jogos, ela pregava os valores e a integração entre as nações tornando-o um veículo de modernidade e solidariedade, rejeitando atitudes de animosidades. Aos poucos a CBD, em sintonia com o governo transparecia a ideologia dos seus dirigentes que compactuavam com as teorias racistas da época transportando o pensamento eugênico para o campo (PEREIRA, 1998: 145-151), utilizando este espaço como uma forma de “espelho” da nação brasileira.

O campo de futebol tornou-se o meio de visibilidade do perfil civilizatório de uma nação, o qual foi estrategicamente usufruído pela nação brasileira. Tendo a nação argentina como admiração por esta demonstrar requintes europeus devido sua descendência anglo-saxônica os *sporstmen* a consideravam um exemplo de civilização e superioridade, ou seja, uma “raça” forte (PEREIRA, 2014: 80). Com o intuito de se equipararem como os argentinos os brasileiros disputaram vários jogos amistosos entre 1908-1919. A fraternidade entre as duas nações perdurou até o campeonato Sul-americano de 1919, no Rio de Janeiro. O bom desempenho esportivo passaria a prevalecer sobre o espírito da confraternização, já que os jogadores e torcedores passavam a priorizar não mais os bons modos, como os *sporstmen* queriam, mas o resultado vitorioso. A união dos países americanos pretendida se esfacelava aos poucos e a rivalidade sobressai à confraternização. Os critérios de “raça” foram amplamente usados como marcadores de hierarquia racial dentro do campo (PEREIRA, 2014: 92-94).

Com a inclusão dos negros nos times que compunham a principal liga da cidade eles tiveram a oportunidade de demonstrar suas habilidades e aqueles que se destacavam eram cogitados a integrar o selecionado brasileiro. Porém, eles estavam diante de uma questão mais complexa em relação àquela imposta no início da sua inserção no futebol regional, porque a imagem da nação que a CBD pretendia transmitir desconsiderava a presença de negros e





agiu para desqualificar esse discurso excludente.

## **Lima Barreto e o futebol**

Um dos principais meio de produção e divulgação das ideias, na sociedade carioca de início do século XX, se baseava na imprensa escrita em que escritores, inclusive literatos, se debruçavam sobre temáticas diversas concedendo, muitas vezes, a este veículo informativo, um espaço de disputa de poder. A crônica – gênero literário – era marcada pelo apego ao cotidiano e de suas múltiplas histórias, isto é, não visava à repercussão do noticiário, pois seu objetivo era “transcender os acontecimentos do dia a dia dos quais ela se nutre” (MARQUES, 2014: 189), mantendo uma relação direta com os eventos da sua época. Logo, os cronistas produziram escritos preciosos para a compreensão do seu período. Utilizada como um retrato do presente ela possuía um teor crítico por parte de alguns literatos que percebiam neste gênero uma forma de expor a realidade social. Com o advento do futebol na sociedade carioca, este esporte despertou a atenção dos cronistas resultando em escritos que expressavam suas posições a respeito dele.

Os maravilhosos progressos que o jornalismo nacional tem feito nestes ultimos annos, são estupendos. Ha uma verdadeira instabilidade em cada qual, nessa febril procura de aperfeiçoamentos e disposições. [...] O desenvolvimento do jornal não foi tão velóz como o do cinematographo ou do foot-ball; mas, neste ultimo lustro, vae sendo de uma rapidez que causa pasmo (BARRETO, 1907: 35).

Lima Barreto escreveu sobre o esporte bretão em várias ocasiões. Por exemplo, enquanto era diretor da revista *Floreal* publicou um artigo em 12 de novembro de 1907<sup>7</sup> (no segundo exemplar da revista), em que demonstrava estar pasmado com o desenvolvimento do futebol no cenário carioca. Ele tratou do progresso que o jornalismo nacional tinha alcançado e, por fim, o comparou com o avanço do esporte que, no momento, atraía muita atenção da população. Barreto, por ser um leitor voraz, não deixou passar despercebido o fenômeno vigente que a imprensa já projetava em suas páginas, pois, foi a partir da última década do século XIX que a imprensa começou a relatar o futebol em suas páginas, contudo, houve uma maior atuação dela no primeiro decênio do século XX (BORGES, 2017: 16).

---

<sup>7</sup> BARRETO, Lima. “Echos”. In: *Floreal*: Publicação Bi-mensal de Crítica e Literatura (RJ) – 1907. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/164623/77> Acesso em: out/2018.

Outros literatos também se dedicaram a escrever sobre o futebol, entre eles estão Coelho Netto e Afrânio Peixoto. O romancista, Netto, membro da Academia Brasileira de Letras, se tornou o expoente em defesa dos esportes como uma prática de regeneração da “raça” brasileira. Com o mesmo viés ideológico aparecia Peixoto, médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, que posiciona-se em favor do futebol como um “[...] remédio para a degeneração da ‘raça’ mestiça que compunha o país” (PEREIRA, 1998, 195). Os dois escritores demonstravam o raciocínio eugênico nas linhas de seus textos, como demonstra Pereira, no trecho do primeiro hino do Fluminense escrito por Netto, em 1915.

“[...] Ninguém no clube se pertence.  
A glória aqui não é pessoal. Quem  
vence em campo é o Fluminense.  
Que é, como a Pátria, um ser ideal.  
Assim, na luta se congraça em torno  
de um ideal viril. A gente moça, a  
nova raça, do nosso Brasil.  
(COELHO NETTO, apud  
PEREIRA, 1998: 193)

Contrariando àqueles escritores, Barreto não enxergava no futebol a promoção da “raça”, mas a desigualdade entre elas. Nesse sentido, distanciando das teorias eugênicas e repudiando-as ele começa a traçar em seus escritos uma defesa em prol de demonstrar os malefícios do esporte. Em 15 de agosto de 1918, Barreto publica seu primeiro artigo<sup>8</sup> a respeito do futebol. Nele expõe suas impressões ao ler as colunas esportivas nos jornais.

Nunca foi do meu gosto o que chamam *sport*, esporte ou desporto; mas quando passo longos dias em casa, dá-me na cisma, devido, certamente à reclusão a que me imponho voluntariamente, ler as notícias esportivas, pois leio os jornais de cabo a rabo (BARRETO, 1918: 59).

Diferente da sua citação sobre o esporte – em 1907 - quando apenas relata o crescimento da prática esportiva agora ele demonstra sua aversão ao esporte e motiva as suas inquietações. O que lhe chamava atenção era a enorme importância que se dava para este esporte, o que era evidência do pelas múltiplas colunas que eram escritas em quase todos os jornais. Os discursos dos cronistas eram, segundo o autor, apaixonados e tendenciosos, bairristas. Barreto comentava, em agosto de 1918, a forma como a imprensa paulista e carioca disputavam o protagonismo no jogo de forma desequilibrada.

As acusações levantadas, então, por certa parte da imprensa paulista –

---

<sup>8</sup>BARRETO, Lima. “Sobre o *Football*”. In: Vida Urbana, 1918. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2171](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2171) Acesso em: out/2018.

manifestações que estamos já agora dispostos a esquecer, mas que não podemos deixar de rememorar – contra a competência e a honestidade do árbitro que serviu naquela partida, atribuindo à obra sua a vitória alcançada por nós, preparou o espírito popular na ânsia de uma prova provada de que, com este ou aquele juiz, os jogadores cariocas estão à altura dos seus valorosos êmulos paulistas e são capazes de vencê-los (BARRETO, 1918: 59).

“A coisa é assim tão séria?”. Ele não compreende o fato de um esporte, sobretudo jogado com os pés, despertar sentimentos de paixão e ódio em seus admiradores e encara a imprensa esportiva como uma futilidade que não merece tamanha relevância: “estes meninos fazem barulho por tão pouca coisa?”. Barreto critica ainda os termos em inglês que complicavam o entendimento dos leitores. “Eram só *backs, forwards, kicks, corners*; mas havia um “chutada”, que eu achei engraçado” (BARRETO, 1918: 60).

Outro ponto abordado pelo literato envolve o aspecto da brutalidade entre os jogadores e torcedores, pois estes manteriam um sentimento de animosidade potencializada pelo futebol. Ele cita os jogos entre times de São Paulo e do Rio de Janeiro para explicar esses conflitos e tensões. Em uma notícia afrontosa dos paulistas aos cariocas aqueles denominam estes de hebreus, curdos e anamitas. Barreto demonstra que sua origem não corresponde com aquelas pois, de acordo com ele: “Posso ser rebolo (minha bisavó era), cabinda, congo, Moçambique mas judeu – nunca!” (BARRETO, 1918: 60).

Para ele era inconcebível um esporte como este se firmar na sociedade, logo o seu insucesso seria inevitável. Ele subestimou o sentimento que o futebol poderia despertar nos seus apreciadores. Portanto, as primeiras conclusões do autor não se confirmaram, já que a população carioca adotou o futebol como o seu principal esporte. Contudo, as consequências da rivalidade exacerbada foram bem observadas pelo autor o que nos dias de hoje está presente nos campos de futebol e em seus arredores e que se expressam de maneira acentuada ao ponto de resultar em conflitos físicos entre jogadores dentro dos campos e entre torcedores fora dele.

Percebendo que o esporte só se popularizava e que ele estava definindo um perfil excludente, o escritor em parceria com colegas se propuseram a tecer argumentos contrários a prática esportiva. Em março de 1919, eles resolveram fundar “A Liga contra o *football*” (O PAIZ, 1919: 8). O então esporte já era consagrado pela população carioca e os que se colocavam em posição contrária a este eram apenas uma pequena minoria (O PAIZ, 1919: 8). No dia 13 de março, alguns cronistas esportivos do *Rio-Jornal* foram até a casa do presidente da liga, Lima Barreto, para obter maiores esclarecimentos sobre o destino e fins da entidade.

Barreto se apoiava em uma conversa com o médico Mario de Lima Valverde, onde



chegaram à conclusão de que o esporte englobava prejuízos de toda a ordem e que seu abuso implicava na perda da energia vital (BARRETO, 1919: 100). A princípio eram dessas ideias que ocorreu, a Barreto, a intenção de combater tal esporte. No entanto, outras razões se deram para projetar o espírito combativo do escritor.

Segundo Lima Barreto, a iniciativa de enfrentar o esporte foi sua. Quando ele estava no Hospital Central do Exército, se tratando de umas contusões sofridas em decorrência do alcoolismo, ele lia várias notícias esportivas e, por fim, concluía que “havia uma irritação inconveniente entre os *players*” que praticavam o futebol. Ele constatou que a rivalidade feroz entre São Paulo e o Rio de Janeiro incentivada pelo “bola-pé”<sup>9</sup> causava desunião entre estes, como ele afirma:

- Concluí que, longe de tal jogo contribuir para o conagraçamento, para uma mais forte coesão moral entre as divisões políticas da União, separava-as:
- Não será exagerado, Barreto?
- Julgo que não. Entre São Paulo e Rio foi assim; entre Rio e Recife também; e o lógico é provar que as coisas se repetirão entre Rio e Belém, entre Rio e Porto Alegre, etc. etc.
- É um argumento (BARRETO, 1919: 101).

A brutalidade que Barreto via no esporte não foi o único argumento abordado por ele para afirmar o seu ponto de vista. O outro aspecto, o principal em nossa opinião, se refere a pretensão dos grandes clubes em criar distinções de classe e de raça que tinham como objetivo propagar as desigualdades do contexto vivido. Ele critica ainda o apoio dado pelo governo aos grandes clubes, apontando a existência de um projeto político para criar “distinções idiotas e anti-sociais entre os brasileiros”. Ele exemplifica essa relação nos casos dos jogos internacionais, em que o governo “[...] subvenciona, clandestinamente as equipes que vão para as repúblicas vizinhas ‘defender as nossas cores’ ” (BARRETO, 1919: 101). Sua crítica está relacionada diretamente a imagem que os governantes e os dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) pretenderam transmitir para outras nações. Nesse sentido, ele repudia a prática esportiva por ter um caráter excludente, cujo o intuito é o branqueamento da nação.

- E não é só este. Os grandes clubes daqui, aqueles que têm para cerimoniais o caucásico Coelho Neto, são portadores de uma pretensão absurda, de classe, de raça etc., você não pode negar isto!
- Não nego; é verdade.

---

<sup>9</sup> Termo pejorativa que Lima Barreto utilizava para se referir ao futebol, assim como também, “jogo do pontapé”.

— Está aí, uma grande desvantagem social do nosso *football*. Nos nossos dias em que, para maior felicidade dos homens, todos os pensadores procuram apagar essas diferenças acidentais entre eles, no intuito de obter um mútuo e profundo entendimento entre as várias partes da humanidade, o jogo do pontapé propaga a sua separação e o governo o subvenciona (BARRETO, 1919: 101).

A questão racial o incomoda, e ele denuncia a segregação dos jogadores negros por conta do esporte. A partir dessa percepção os seus escritos referentes a este assunto recebem um caráter político-social-racial, enquanto o seu amigo, Valverde abordava o viés da higiene. Em suma, o futebol se tornou um objeto de críticas profundas, das quais representam o contexto social que o autor está inserido.

— Mas, Barreto, penso em que vocês não ficarão nesse aspecto político-social-administrativo do *football* — não é?

— Não ficaremos aí. Esta é a minha parte, mas a que se refere à higiene pessoal, ao funcionamento da boa saúde, às reações de ordem psicológica, às perturbações ao desenvolvimento mental que ele possa trazer, esta parte difícil, árdua e técnica é com o Valverde. Eu tratarei da minha [...] (BARRETO, 1919: 101).

O literato percebe que os meandros que cercam o futebol caracterizam-se por uma relação de poder entre os grandes clubes e o governo para definir as “regras do jogo”. Ele encara o esporte em si como sendo perigoso e hostil e o não o considera solidário e harmônico como deveria ser. A resistência do escritor não é por causa do esporte em si, mas sim pelas suas consequências sociais e raciais.

[...] no que tenho o apoio de todos, pois nenhum de nós está disposto a admitir que o Brasil pague impostos, para o governo obter dinheiro e ele venha a dar um pouco desse dinheiro à sociedade dos que cavam a separação, não só das divisões políticas da nação, mas entre os próprios indivíduos desta nação. Você pode dizer que nós não estamos dispostos a consentir que se forme, à custa dos contribuintes, uma aristocracia que se baseia nas habilidades dos pés (BARRETO, 1919: 101).

A indignação do escritor a respeito do fator segregacionista do futebol é reforçada na sua crônica, “Bemdito Futebol!”<sup>10</sup>, publicada no começo de outubro de 1921. Em setembro daquele ano, o selecionado brasileiro partiria para disputar o Sul-americano, na Argentina. A convocação dos jogadores foi precedida de um boato a respeito da exclusão de negros do time nacional. O boato tornou-se fato com a ausência de jogadores negros no selecionado e pelo apoio financeiro concedido pelo presidente da República, Epitácio Pessoa, no valor de

---

<sup>10</sup>BARRETO, Lima. “Bemdito Futebol!”. In: Careta (RJ), 01 de outubro de 1921, p. 05. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/26529> Acesso em: out/2018.

50:000\$000 réis a CBD, o mesmo que havia solicitado que o selecionado fosse para a Argentina apenas com jogadores brancos. Verdade ou não a questão racial estava inserida nesse assunto. Com base nesse episódio, Lima Barreto, escreveu o referido artigo publicado na revista *Careta*, tratando desta questão.

Ele começa ironizando ao citar que “o futebol é uma instituição benemerita, cujo o rol de serviços ao paiz vem sendo imenso e parece não quer ter fim” (BARRETO, 1921: 5) para logo após elencar um rol de críticas. Ele critica o fato deste esporte dar destaque a pessoas as quais não seriam se quer citadas nas colunas jornalísticas se não fizessem parte do mundo futebolístico, ou seja, o esporte definia ídolos por praticar o “bola pé”, o que para Barreto era uma distorção da realidade, porque este valorizava a cultura erudita em detrimento da prática esportiva, portanto, os letrados deveriam ter mais destaque nos jornais do que os jogadores. A questão da rivalidade dentro e fora dos estádios é tratada como um fator de hostilidade e segregação entre os bairros e os entes políticos do Brasil.

Quanto a questão racial, que envolve o episódio citado mais acima – ausência de negros no Sul-americano -, Barreto afirma: “O futebol é eminentemente um factor de dissensão”. Ele se refere ainda a um trecho publicado no jornal *Correio da Manhã*, que menciona uma “reunião secreta” em que se decidiria a ida ou não dos campeões que “tivessem, nas veias, um bocado de sangue, negro-homens de côr” (CORREIO DA MANHÃ, 1921: 5).

O literato traça seus escritos sobre a fala do presidente expondo de forma crítica como o chefe do executivo tratou a questão. Segundo ele, houve a rejeição a possibilidade de levar negros para os jogos internacionais: “Foi sua resolução de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportaveis turmas de jogadores [...] não se precisa saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano” (BARRETO, 1921: 5). Para o autor, a presença dos negros não fazia parte da representação nacional que o presidente planejava transparecer para outros países. Os negros e mestiços eram anulados quanto a sua presença na nação, pois devido as teorias raciais eles estavam atrelados com o atraso civilizatório.

O contexto permeado por teorias eugênicas e científicas é compreendido por Barreto que retrata a relação dos intelectuais com esta questão ao relatar que,

[...]como complemento da medida, decidiram nomear uma comissão de anthropologos para examinar os Enviados Extraordinarios e Ministros Plenipotenciarios da Patria, ao certamen da junta-pés, na República Argentina. Sabemos que de tal comissão fazem parte as grandes intelligencias arianas [...] (BARRETO, 1921: 5).

Para ele essa é uma demonstração de ofensa a “metade da população” do Brasil e mais uma vez defende que o papel social do futebol é fator preponderante para a dissensão nacional entre os indivíduos. Ao contrário dos governantes nacionais, que buscavam desconsiderar a presença africana na formação da nação, o autor defende a forte presença da herança africana entre os indivíduos da nação brasileira ao defini-los como a “metade da população” (BARRETO, 1921: 5).

A subvenção financeira destinada ao futebol também foi abordada pelo autor, já que para ele seria um desrespeito utilizar os impostos para apoiar a segregação racial e social. E o pior é que, segundo ele, “a grande parte delles é paga pela gente de côr” e que as “sociedades futebolescas” e os “thezoueiros” “não deviam aceitar dinheiro que tivesse tão malsinada origem” (BARRETO, 1921: 5). Esse dinheiro desviado afeta o setor da saúde, que, para o escritor ocasionaria na morte da população mais humilde, isto é, o futebol fica mais rico e mais branco; e a “gente de côr” acaba desaparecendo por causa de várias moléstias que sofrem por conta do descaso com a saúde pública.

Ele critica ainda o teor regenerador que é concedido ao futebol. Indigna-se com a prioridade dos governantes e dirigentes das associações esportivas em utilizar o esporte em favor da dissensão como meio legítimo de definição da superioridade de uma “raça” sobre a outra (PEREIRA, 2014: 95). Por fim, ele afirma que ao saber que para os argentinos não há distinções de cor no Brasil, pois, todos são para eles “macaquitos”, o autor se vinga ao implicitamente dizer que foi em vão as tentativas de embranquecer a população brasileira já que para os argentinos essa questão já está bem “clara” (BARRETO, 1921: 5).

Na sua crônica, “O meu conselho”<sup>11</sup>, publicada em 1 de outubro de 1921, pelo jornal A.B.C, ele tece uma crítica de forma irônica, mas não menos contundente, aos males que correspondem ao futebol, relacionando-o a questão racial. O futebol como um esporte de lazer entre os ingleses fez parte do imperialismo britânico espalhando sua influência por onde os trilhos dos maquinários estacionassem. Para Barreto, o esporte chegou ao Brasil “por intermédio dos arrogantes”, fazendo menção aos ingleses. Antes da sua introdução “a gente de côr podia ir representar o Brazil em qualquer parte”, todavia após a sua consolidação “cavou uma separação idiota entre os brasileiros” (BARRETO, 1921: 10). Segundo o literato, o futebol se inseriu na sociedade para separar a população. Mais uma vez ele aponta o governo como apoiador desta dissensão ao subvencioná-la “para elles insultarem e humilharem quasi a metade

---

<sup>11</sup> Lima Barreto. “*O meu Conselho*”. In: A.B.C: Política, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes (RJ), 1 de outubro de 1921, p. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/5808> Acesso em: out/2018.



da população do Brasil” (BARRETO, 1921: 10). E o assombroso é que o dinheiro fornecido para estas agremiações “provém de impostos que todos pagam, brancos, pretos e ‘mulatos’”. “O futebol não é assim: não surra, mas humilha, não explora, mas injuria e come as dizimas que os negros pagam” (BARRETO, 1921: 10). O esporte é tido pelo escritor como um mecanismo que carrega consigo a mentalidade racista semelhante ao período escravista.

Por fim, ele ironiza o anúncio de um inglês, o qual se deparou ao ler o jornal Gazeta de Notícias<sup>12</sup>. Nele o rapaz demonstra interesse em esposar uma moça rica. Eis que o autor o aconselha.

[...] quer se estabelecer aqui e ganhar dinheiro, com casamento ou coisa equivalente, pôde vir para um dos nossos gremios de fute bôl, alistar-se como back ou forward; e garanto que, em duas ou tres representações de sua pessoa no estrangeiro, como brasileiro, ganhará alguns guinéus, para procurar como vagar, mesmo em sua terra, uma noiva solida. O governo brasileiro é generoso com... o fute bôl e os estrangeiros que o jogam. Afianço-lhe isto porque o nosso governo e os anthropologistas do fute bôl andam atrapalhadíssimos para arranjar sempre uma nivea representação futebolesca do Brasil na extranja. Um inglez, que descende dos piedosos libertadores do tumulto de N. S. Jesus Christo e, ao mesmo tempo, Thomaz Becket, arcebispo de Cantuaria, está livre de toda e qualquer suspeita de negrismo. Pôde, portanto, representar o Brasil, lá fóra, não só no jogo de conspicuas patadas em bolas, como tambem nas côrtes que ainda existam no Universo; e o governo nacional, de mãos dadas com as eugenicas autoridades dos ponta-pés, cheias de contentamento por terem encontrado tão lidimo expoente [...] (BARRETO, 1921: 11).

A boa receptividade que o inglês receberia dos governantes brasileiros caso se dispusesse a representar o país nos gramados, no cenário internacional, sendo consequentemente reverenciado e exaltado, por ser um estrangeiro caucasiano, demonstra o menosprezo com a “metade da população do Brasil” a qual é considerada fator preponderante para a degeneração nacional, pois o acolhimento do inglês se daria também por ele “está livre de toda e qualquer suspeita de negrismo”. Barreto critica a valorização do branco em detrimento do negro.

## Considerações Finais

Em suma, o repertório das teorias raciais que foram assimiladas pelos intelectuais brasileiros moldou a mentalidade dos indivíduos a respeito da hierarquia racial. O personagem em destaque, Afonso Henriques de Lima Barreto, não concebia para si e para a “metade da

---

<sup>12</sup> Gazeta de Notícias (RJ), 17 de setembro de 1921, p. 06. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_05/4666](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_05/4666) Acesso em: out/2018.

população” do Brasil, composta por negros e mestiços, a ideia de inferioridade atreladas a eles. Esta figura icônica teceu em artigos, romances e crônicas sua inconformidade com as determinações científicas. Sua postura combativa refletiu em sua carreira como literato, a qual foi desprestigiada por dedicar-se a defender o seu povo que era constantemente atacado pela “moda” científica, como é o caso do futebol.

Conforme busquei abordar no decorrer do texto, a aversão do autor pelo esporte ultrapassou os motivos dispostos nas quatro linhas, pois o que se retratava em campo era o reflexo da sociedade, logo o campo se tornou um espaço excludente no que tange a questão racial e social, isto é, uma sociedade racista buscou implantar meios que justificassem essa postura sendo ela a real promulgadora das desigualdades.

A utilização do futebol como um meio de segregação, ou seja, definidor das diferenças entre os indivíduos, evidenciou-se do início da sua prática na sociedade carioca até a sua popularização concedendo a este processo um ambiente hostil e conflituoso que dificultou a inclusão do negro neste. O pensamento eugênico dos defensores do futebol desconsiderava a presença do negro no campo, pois, como relatado, o ideal de nação desconsiderava essa população do processo de formação do país. O esporte recebeu a função de regenerar a “raça” brasileira.

Lima Barreto observando atentamente o objetivo dos dirigentes esportivos e das autoridades teceu críticas contundentes contrárias a este propósito de “separação idiota entre os brasileiros”. Sua defesa por igualdade racial está em seus traços e mesmo com sua morte, em 1 de novembro de 1922, seu legado ainda perpetua.

Partindo de uma perspectiva contemporânea, é possível concluir que o ideal eugênico não vingou no mundo futebolístico e um dos motivos para essa ocorrência é que a cultura negra se relacionou diretamente com ele o tornando um dos meios de ascensão social dessa população. Contudo as marcas do racismo ainda são evidentes nos estádios de futebol, a exemplo do caso ocorrido com o goleiro, Mário Lúcio Duarte Costa, o aranha, em 2014, em um jogo pelas oitavas de finais da Copa do Brasil, contra o Grêmio, no Rio Grande do Sul.

“A outra vez que viemos aqui jogar a Copa do Brasil tinha campanha contra racismo, não é à toa. Xingar, pegar no pé é normal. Agora me chamaram de ‘preto fedido, seu preto, cambada de preto’. Estava me segurando. Quando começou o corinho com sons de macaco eu até pedi para o câmera filmar, eu fiquei p... Quem joga aqui sabe, sempre tem racista no meio deles. Está dado o recado, agora é ficar esperto para a próxima”, desabafou o goleiro.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup>VINÍCIUS, Roberto. “Goleiro Aranha é alvo de ofensas racistas na Arena Grêmio”. Disponível em: <http://observatorioracialfutebol.com.br/goleiro-aranha-e-alvo-de-ofensas-racistas-na-arena-do-gremio/> Acesso em: out/2018.

O ocorrido demonstra como o racismo que impera na sociedade brasileira, nos dias atuais, se reflete dentro dos estádios de futebol. Longe de ser um episódio isolado, tem sido recorrente o registro de práticas discriminatórias em campo e no cotidiano de nossa sociedade. Grande parte da mídia atenta à isto, descaca não apenas o comportamento das torcidas e os insultos raciais, mas a não contratação de técnicos e executivos negros reproduzindo no futebol práticas sociais discriminatórias.

## Referências bibliográficas

- BERNADINO-COSTA, Joaze & GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e perspectiva negra. Sociedade e Estado*, 2016, 31(1), p. 15-24. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00015.pdf> Acesso: out/2018.
- BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Um século de rivalidade nas crônicas esportivas: Albicelestes e Canarinhos nas redações dos rivais*. Brasília, Qualificação da tese de Doutorado, UnB, 2017, p. 249.
- CAMPOS, F.; ALFONSI, D. (orgs.). *Futebol: objeto das ciências humanas*. São Paulo, Leya, 2014, p. 384.
- FERREIRA, Antônio Celso. *A fonte Fecunda*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 61-91.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Preconceito de cor e Racismo no Brasil*. Revista de Antropologia, São Paulo: USP, v. 47, n. 1, 2004, p. 43.
- HOLANDA, Cristina Buarque de (s. d.). *O futebol no imaginário da intelectualidade Brasileira de inícios do século XX: o embate entre Lima Barreto e Coelho Netto*. Enfoque – revista eletrônica dos alunos do PPGSA/IFCS/UFRJ. Disponível em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/article/view/33> Acesso em: set/2018.
- MARIANI, Daniel; RONCOLATO, Murilo; ALMEIDA, Rodolfo; TONGLET, Ariel. *Censo de 1872: o retrato do Brasil na escravidão*. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2017/07/07/Censo-de-1872-o-retrato-do-Brasil-da-escravid%C3%A3o> Acesso em: out/2018.
- MARQUES, José Carlos. *A crônica de esportes no Brasil: Algumas reflexões*. CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 185-205.
- NASCIMENTO, João Gabriel do. *O branco imposto e o negro conquistado: Machado de Assis na propaganda da Caixa Econômica Federal*. Revista da ABPN. V.8, n. 20. 2016, p.74-85. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/9> Acesso em: out/2018.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Identidades em jogo – Brasileiros e argentinos nos campos de futebol (1908- 1922)*. CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 71-113.

- \_\_\_\_\_. *Footballmania: uma história social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro, 1998, p. 380.
- SCHWRCZ, Lilia Katri Moritz. *Lima Barreto: Triste Visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 648.
- \_\_\_\_\_. *Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX*. Afro-Ásia, Salvador, n. 18, 1996, p. 77-101.
- \_\_\_\_\_. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 296.
- SILVEIRA, Renato. *Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental*. Afro - Ásia, n° 23, 1999, p. 87-144.
- VIEIRA, Jackson Diniz. *Identidade negra e modernidade na obra de Lima Barreto*. Campina Grande: UEPB, 2010. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp146781.pdf> Acesso: jan/2018.

## Fontes

- BARRETO, Lima. *A Liga contra o football*. In: Diário Íntimo, 1919. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bn000066.pdf> Acesso em: out/2018.
- \_\_\_\_\_. *Bemdito Futebol*. In: Careta (RJ), 1921, p. 05. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/26529> Acesso em: out/2018.
- \_\_\_\_\_. *Considerações Oportunas*. In: A.B.C: Política, Actualidades, Questões Sociais, Letras e Artes (RJ), 1919, p. 10-11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/3832> Acesso em: set/2018
- \_\_\_\_\_. *Echos*. In: Floreal: Publicação Bi-mensal de Crítica e Literatura (RJ), 1907, p. 35. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/164623/77> Acesso: out/2018.
- \_\_\_\_\_. *O meu Conselho*. In: A.B.C: Política, Actualidades, Questões Sociais, Letras e Artes (RJ), 1921, p. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/5808> Acesso: out/2018
- \_\_\_\_\_. *Sobre o Football*. In: Vida Urbana, 1918. Disponível em: [http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2171](http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2171) Acesso: out/2018.
- CORREIO DA MANHÃ. “O presidente da República não quer ‘homens de côr’ no nosso ‘scratch’” 17 de setembro de 1921, p.5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_03/7711](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_03/7711) Acesso em: out/2018.
- GAZETA DE NOTÍCIAS (RJ), 1921, p. 06. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_05/4666](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_05/4666) Acesso: out/2018.
- O PAIZ. *Sport Football*, 1919, p. 8. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_04/42086](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/42086) Acesso em: out/2018.
- \_\_\_\_\_. *O sensacional match de amanhã entre o fluminense e o flamengo*, 1919, p. 8. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_04/45462](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/45462) Acesso em: out/2018.
- RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no football brasileiro*. Irmãos Pongetti Editores: Rio de Janeiro, 1947.

VINÍCIUS, Roberto. *Goleiro Aranha é alvo de ofensas racistas na Arena Grêmio*. Disponível em: <http://observatorioracialfutebol.com.br/goleiro-aranha-e-alvo-de-ofensas-racistas-na-arena-do-gremio/> Acesso em: out/2018.